

PORTO ALEGRE, 24 DE ABRIL DE 1881

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 12

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

## TRABALHO, ECONOMIA E DEVER



Saráo da Associação Litteraria Gabrielense em 9 de Abril de 1881.

Em um pensamento meu, que corre impresso, disse eu, lembrando-me de muitas desventuras que existem, sem dever, no mundo: — «Uma vida mal começada acaba sempre no infortunio.»

E' tão raro no meio da existencia solapada pelos estragos da má direcção uma luz salvadora, que a encaminhe beneficemente ao fim, como é impossivel para a medicina a cura da enfermidade, que offendeu fatalmente um órgão essencial á vida.

A mocidade deve, pois, ter muito em vista começar bem, ainda que para isso seja mister padecer trabalhos; mais tarde applaudirá os sacrificios, que derão os optimos resultados, que destruirá contente.

A conclusão que tirei em referencia á mocidade é extensiva á toda humanidade, isto é, todos devemos começar, desenvolver e concluir a existencia, guardando sempre esses principios do justo e do bom, que não devem jamais ser postergados por nós, sob pena de trabalharmos para a propria desdita.

Ordinariamente tomamos o caminho mais curto e mais facil para solver as difficuldades inherentes á existencia, pensando que, diminuindo o trabalho, atingiremos ao objectivo, e cedo desistiremos; mas não longe deparamos com o desenganho, e conhecemos tarde o erro que ahí nos conduziu: voltamos ao ponto de partida para tomar nova direcção, é dizer: — pelas proprias mãos amontoamos estorvos para serem por nós

removidos da trilha a percorrer, tornando a tarefa mais ardua e demorada, porque ladeamos os obstaculos, quando deveriamos enfrental-os, e corajosamente destruil-os.

A observação tem demonstrado que a causa efficiente d'esse pendor da creatura pelo que é facil, ainda que não assegure a solução desejada e necessaria, é sem duvida a falta da coragem do dever n'uns casos, n'outros, a carencia da precisa resignação na humildade, e em muitos, a covardia diante da pobreza, esse monstro que se antolha de catadura feia, e que é mister vencer em luta arriscada, tenaz e afanoza.

Se é detestavel a fraqueza que produz essas quedas Moraes de todos os dias, que a sociedade censura, mas que por uma criminosa tolerancia encampa, acolhendo em seu seio a victima arrependida, ainda que uma e outra o fação por convenção, que é a capa da conveniencia, nada é mais honroso do que a coragem com que certas creaturas privilegiadas pela natureza encarão os golpes rudes da sorte, e caminão seguras e impavidas por entre os espinhos e precipicios da estrada: da frente altiva e nobre gotteja-lhes o suor saudavel do trabalho meritorio, e a alma respira desoppressa, animada d'essa força alentadora, que só dá o amor do bem, a rectidão do espirito, a pureza do intuito.

Nos grandes centros onde as exigencias da moda, do luxo, do bom tom, são mais imperiosas do que nos pequenos povoados, e onde o homem acostuma-se tolamente a illudir por douradas apparencias a pobreza que existe acabrunhadora no intimo do lar, aprofundando a ruina, que aliás deveria evitar pelo justo dispendio e séria applicação da actividade, são mais frequentes esses esphacelamentos Moraes, que acabão pelo suicidio, ou pela desvergonha.

E porque?

O falso poder de confessar o homem uma pobreza, que não é aviltamento, e que disfarçada com o soccorro de meios ignobes, mais tarde se torna crime, descarnando-se hediondamente, e também pelo erro de começar pelo fim, e por isso nem chega ao meio, preferindo o delicto que envilece, addiando apenas as difficuldades, a sobraçar-se ao trabalho e dever, que as vence e nobilita.

Cesar Cantú diz que todos possuem dous immensos capitaes á disposição de sua felicidade; são elles — industria e economia, que dão mais fructos do que as riquezas herdadas.

E disse bem o historiador italiano, porque, a esses capitaes que não estão sujeitos a desfalques, deve grande parte do mundo o bem-estar que desfructa, depois de longos annos de trabalho e poupança do superfluo.

Trabalho intelligente e parcimonia são garantidores de saude e bem-estar, ou por outra, assegurão a estima publica, a prosperidade da fazenda, e a alegria propria, quando a elles aggregamos o cumprimento do dever.

E, porque não se ha de educar a mocidade brasileira de maneira que toda comprehenda que o homem tem em si tudo quanto é preciso para ser feliz na terra, só sendo necessario para crear-se um futuro venturoso ter em vista esses tres importantes auxiliares?

Não são tantos os exemplos, em nosso paiz, de homens pobrissimos, de nascimentos obscuros, attingirem a ultima grandeza, subindo pelo proprio merito, e impondo pelas suas virtudes, actividade e talentos?

Não é certo que o trabalho perseverante e o modesto dispendio, auxiliados pelo cumprimento do dever, concorrerão poderosamente para essas elevações que uns admirão, outros respeitão, e muitos invejão e procurão destruir?

Porque correr atraz de uma miragem enganadora, quando o objectivo que não falha é facil a todos que se disciplinão no trabalho e economia, com a pratica constante do dever?

Olhai para aquelle que a empenhos conquistou um lugar rendoso, e de posse do meio de garantir a subsistencia honrosa, quando deveria mantel-o pelo dever, trabalho e economia, relaxa as suas obrigações, e pela má applicação do tempo ou pela desordem da vida sacrifica com a honra o poderoso instrumento d'onde manava-lhe o diurno sustento, e a consideração publica.

Porque se queixa agora que e hio levado seus erros?

Que direito lhe assiste á protecção de querer que seja, quando esperdiçou loucamente a riqueza que lhe fizerão adquirir?

Como inspirar confiança depois de haver levianamente abusado da que foi-lhe dispensada?

Eis o caso em que não se deve ter compaixão do infortunio, e em que a temos, e pelo perdoamos novo desmando.

No mundo abundão os exemplos de que merecidas. preparadas pelas proprias mãos que são atirados do apice da grandeza ao chão miseria, e esses exemplos, que deverião servir de lição, quando muito são citados como um exemplo por haverem outros padecido por identica causa.

E' o mesmo que se dá com o passador de moeda falsa, que só lamenta o fracasso da empreza; a vergonha pela descoberta da acção imoral, o soffrimento do castigo são sobrepujados pelo desgosto do mallogro da torpe especulação.

Quem no percurso da vida só recebe as inspirações do bem, e pauta por elle os seus actos, põe sempre a força necessaria para não abater-se diante de difficuldade alguma; e, se é verdade que nem sempre a riqueza corôa o esforço juizo é certo que ninguem é desgraçado quando o tenta a virtude e o trabalho honrado.

Do que fica dito resulta uma verdade, e é que temos sido mal encaminhados, e devemos mudar de rumo; a educação brasileira viu conveniente de preferencia ao util; quer sem importar-se com o principio; ambiciosa de *dulce far niente* sem o trabalho anterior e conseguil-o no futuro, e aceita-o ainda vindo elle impregnado do crime ou da immoralidade.

Os resultados estão patentes no rebaixamento de muitos caracteres, n'essa crescente descida do nivel moral, que assusta os homens bem educados.

A pratica da vida de povos adiantados está ensinando que trabalhar, oupar e produzir, são por si bastantes auxiliares para garantir-nos de uma maneira feliz ao termo da existencia, deixando pela terra um rastro luminoso de nossa passagem proveitosa ao semelhante util a nós.

Trilhar outro caminho, aspirar conhecer

tos sem a idéa de applical-os ao bem, e antes como meio de arranjo proprio, é insistir no erro que só males occasiona; é trabalhar para ter um resultado negativo; é, enfim, aspirar a terra da promessa enterrado em um deserto arido, insalubre, só fertil de agentes destruidores da vida.

Ninguem se illuda; ha um só caminho para a conquista do que é bom: esse caminho é aquelle que se trilha com difficuldade, impulsado pelo trabalho, economia e dever.

O trabalho fatiga para depois fortificar o corpo; com elle obtem-se o necessario á vida, e sobras, que bem empregadas pela economia, proporcionão ao dever muita occasião de restituir a um a saude, a outro o consolo e a alegria, e a muitos a salvação do conceito, da honestidade, da existencia, com approvação satisfactoria da propria consciencia.

Trabalhemos, pois, poupemos o resultado do nosso labor, e seja uma religião o cumprimento do dever, que resume em si o que dignifica a creatura.

GERALDO DE FARIA CORRÊA.

## A FLOR ACHADA.

„Geiundem“ — de Goethe

No bosque andava  
Eu a passear,  
Sem algum fim  
Na mente entrar.

Na sombra vejo  
Flor linda e breve,  
Tem d'astro o brilho  
Olhos descreve.

Tentei colhel-a;  
Diz delicada:  
— Para que murche  
Serei cortada? —

Flor com raiz  
Levo ao jardim,  
Junto a morada  
Graciosa; e assim

Plantei-a onde  
Calma vivesse,  
Cresce, viceja,  
Bella floresce.

A. C.

Porto Alegre — 1881.

## LETRAS E...

Em Pariz, por occasião das manifestações que a grande cidade fazia ao poeta universal, depois da visita do prefeito, e quando desfilava sob as suas janellas a procissão civica de cerca de quinhentas mil pessoas, Victor Hugo pronunciou este lindissimo improviso:

„Saudo Pariz!

Saudo a cidade immensa!

Saudo-a, não em meu nome, porquanto eu nada sou; mas em nome de tudo o que vive, raciocina, pensa, ama e espera neste mundo!

As cidades são os lugares abençoados; têm em si as officinas do trabalho divino

O trabalho divino é o trabalho humano. Conserva-se humano, emquanto é individual; desde que é colectivo, desde que seu fim é maior do que o trabalhador, torna-se divino: o trabalho dos campos é humano, o trabalho das cidades é divino.

De tempos ha tempos a historia põe um signal sobre uma cidade. Esse signal é unico.

A historia, em quatro mil annos marca assim tres cidades que resumem todo o esforço da civilisação.

O que Athenas foi para a antiguidade grega, o que Roma foi para a antiguidade romana, Pariz é hoje para a Europa, para a America, para o universo civilisado.

E' a cidade e é o mundo. Quem dirige a palavra a Paris, dirige a palavra ao mundo inteiro. *Urbi et orbi.*

Portanto, eu, o humilde transeunte, que não tenho senão uma parte desse direito de todos, em nome das cidades, de todas as cidades, das cidades da Europa e da America, e do mundo civilisado, desde Athenas até New-York, desde Londres até Moscow; em teu nome, Roma, em teu nome, Berlim, eu glorifico com amor e saudo a cidade sagrada — Paris!...“

## O DILUVIO

—&gt;::&lt;—

(EPISODIO DE ASHAVERO, DE EDGAR QUINET)

—&gt;O\*O&lt;—

O PADRE ETERNO AO OCEANO

Como frase incorrecta  
 No meu soberbo livro mal escripta,  
 Vai apagar a terra, a nodoa abjecta  
 Que ultraja a creação bella, infinita.

O OCEANO

Corro a cumprir teu mando irrevogavel.  
 — No vertice do mundo ja não resta  
 Mais que a torre de um rei, que se inebria  
 N'uma ruidosa festa.  
 Meu diluvio fatal, inexoravel,  
 Em menos de uma hora,  
 Ha de colhel-o, no fervor da orgia,  
 Sob a onda invasora.

O REI, á mesa, rodeado de seus principes.

Como um lago, o diluvio abrange, alaga  
 A humilhada planura;  
 Mas, ponha embora vaga sobre vaga,  
 Não roçará jamais a excelsa altura  
 Dos meus paços altivos.  
 Esmague, cubra o tecto dos captivos;  
 Embora ruja o oceano furioso;  
 Os meus guardas fieis hão de impedil-o  
 De devassar-me ao paço poderoso  
 O vedado sigillo.

PRIMEIRO SATRAPA

se elle viesse, rei dos reis, seria  
 Para lamber-te os pés.

SEGUNDO SATRAPA

Ou trazer te talvez  
 Um diadema das perolas que cria.

O REI

A' minha mesa sentados  
 Mil reis estão reunidos,  
 De ouro e purpura vestidos,  
 De luxo e luz fascinados

E para o goso profundo  
 Destas fontes coroadas  
 Todas as pompas do mundo  
 Subirão minhas escadas

Cem dromedarios ligeiros  
 Trouxerão sobre o seu dorso,  
 Curvados a tanto esforço  
 Os vinhos mais lisongeiros.

For cem camellos possantes  
 Forão de longe trazidos  
 Manjares appetecidos,  
 De aromas sobreexcitantes.

Tudo é esplendido e bello  
 Neste festim de alegrias !  
 O vinho, havemos bebel-o,  
 E comer as iguarias.

Antes que a aurora doirado  
 Tenha os vastos céos azues,  
 Os astros terão findado  
 O seu banquete de luz.

E o mar, na amplidão sombria,  
 Immerso n'um somno vago,  
 Terá da taça vasia  
 Sorvido o ultimo trago.

Só para nós, os monarchas,  
 Vencendo os tempos fataes,  
 As vidas de patriarchas  
 Não se acabaraõ jamais.

Silencio ! que ruido  
 Escuto—como a onda,  
 Que n'um penedo erguido,  
 Abalroando, estronda ?

PRIMEIRO SATRAPA

E' o gemer funereo,  
 Oh rei ! da plebe vil, que se lamenta.

O REI

O reido avulta, augmenta.

SEGUNDO SATRAPA

Senhor ! é o soluçar do teu imperio.

O REI

Recomecemos, pois, em côro o canto  
 Até a meia noite. A chuva densa  
 Em torrentes sussurra. Brilhão raios.  
 Como um navio roto, que naufraga,  
 Vem o mundo, debaixo de meus olhos,  
 Despedaçar se para dar me gosto.

O universo, ao morrer, me não merece  
 Dos meus labios derei mais que um sorriso

Oceano, mar longinquo, has ja contado  
 Os infindos degraos do meu palacio?  
 Ha mais de cem, de marmore e de bronze.  
 Sobre criança, que o furor desvaira,  
 Não resvalem teus pés nos meus ladrilhos!  
 Cuidado! não os manches com a saliva!  
 Inda antes que insensata a meio os vingues,  
 Has de esconder-te sob o véo de espumas,  
 E envergonhada, timida, arquejante,  
 Fugirás, murmurando:—eis-me sem forças!

Os abutres e o mar de ti recuão;  
 Sobem de rastos o rochedo agudo  
 Onde o ninho cavarão; — tentão, loucos,  
 Abrigar, proteger, com o peito arfado,  
 Dos teus ataques a ninhada implume.  
 O olhar em chamma, as plumas erriçadas,  
 Mettem, movendo o bico e as duras azas,  
 Terror ás tuas vagas. Tu, persegue  
 Os abutres do mar, si tens o intento  
 De roubar-lhes ao ninho palpitante  
 A prole, em que a penugem mal desponta.

Aqui, na minha torre, ninho de aguias,  
 Como has de, sobrepondo vaga a vaga,  
 Sem vertigens, subir a tanta altura?  
 Deste festim esplendido, soberbo,  
 Haveinos de lançar te uma migalha:  
 — Desvia-te; prosegue o teu caminho.

PRIMEIRO SATRAPA

Batem á porta.

O REI

Acudi-me!

SEGUNDO SATRAPA

E' teu herdeiro. Ja  
 Não te conheço.

O REI

Quem 'stá?

O OCEANO

Não ouvís? Abri-me! abri-me!

O REI

Socorro! Oceano terrivel,

De espumas cheio, invencivel,  
 Porque me bates á porta?  
 O que buscas? a que vens?  
 Queres meu manto? Ahi tens.

O OCEANO

O teu manto—que me importa?  
 Elle é pequeno de mais  
 Para os meus hombros reaes.

O REI

Si tu queres beber em taça de ouro  
 Um vinho que embriaga,  
 Eis a minha; eu te a dou; vale um thesouro;  
 Lanço-a na tua vaga.

O OCEANO

Não pode a tua taça, ó rei, lenir-me  
 A sede; a tua offerta é para rir-me

O REI

Queres a minha coroa fulgurante?  
 Eu a deponho em tua fronte tumida.

O OCEANO

Eu prefiro da vaga a poeira humida  
 Para cingir-me a fronte triumphante.

Mas quero ao teu festim, onde o luxo pompeia,  
 Sentar-me. Vai reinar sobre os meus grãos de areia.  
 Um passo mais, e estou no throno, no teu posto.  
 Eis-me sobre elle ja. Como sinto-me a gosto!  
 Boia um floco de espuma onde existio um mundo.  
 Quero tambem sentir no coração profundo  
 As commoções de um rei;—sobrepór á thiara,  
 Ao sceptro, aos vasos de ouro, a minha mão avara,  
 E com elles brincar, e lamber voluptuoso,  
 Esgotando uma a uma as sensações de goso,  
 As taças do festim que embriaguez distillão,  
 Este vinho allucina. As vagas que vacillão,  
 São subditos fieis que em torno me cortejão,  
 Curvão-se até ao chão, e a terra, humildes beijão,  
 Vamos! dobrai a fronte em signal de respeito!  
 Agora, quero ouvir o romper do vosso peito  
 Um coro colossal de gritos e gemidos!  
 Silencio agora! — Vede! Os meus rios, sem raias,  
 Com as vagas esmagando os pampanos das praias,  
 São os meus escanções. — O goso me inebria!  
 Tudo se ha de dobrar á minha phantasia!  
 Mugidoras Babeis levanto: e uma por uma  
 Derribo, a bel prazer, suas torres de espuma,

De meu peito feroz ao mínimo palpito.  
 O meu reino não tem nem praia, nem limite.  
 Meu coração não cede ás flexas implumadas;  
 Oxidão-se em seu seio as lucidas espadas.  
 Se uma nodoa me ultraja, a minha propria vaga,  
 Revolta, murmurando, a mancha vil apaga.  
 Nada em mim deixa um rastro, excepto que não seja  
 O meu manto, em que o sol mirando-se, flammeja!

THEOPHILO DIAS.

## O SOL E A ESPERANÇA

Que seria do mundo se não existisse o sol?  
 Que seria do homem se não o animasse a  
 esperança?

O sol vivifica a natureza e dá luz e calor ás  
 plantas, a esperança alimenta o coração e dá  
 calor e vida aos sentimentos.

O sol fecunda a terra e produz as plantas e as  
 flores; a esperança robustece a alma, fazendo  
 brotar as mais felizes illusões.

Quão bella é a natureza, quando o sol nascente  
 estende seus dourados raios no horisonte, trans-  
 formando o mar em purpura, os montes em ouro,  
 e os arroios em perolas!

Que formosa é a vida, quando a esperança,  
 irradiando amorosamente o horisonte de nossa  
 alma, transforma o coração em um céu, e as  
 illusões em anjos!

O sol é o rei da natureza; a sua attracção  
 domina os planetas, fazendo-os rolar eternamente  
 no espaço; a sua luz esmalta as flores, matiza as  
 aves das mais vivas cores, e o seu calor dá sabor  
 e aroma aos fructos.

A esperança é a rainha do coração, fascina e  
 subjuga os sentimentos e reveste a vida com doces  
 encantos, encobre o nosso futuro com um trans-  
 parente véo bordado de rosas, modera nossos  
 pezares e nos entretém agradavelmente com a  
 vista das mais aprasiveis paisagens.

Sem o sol tudo acabaria na natureza; cessaria  
 o movimento, a animação e a vida, sobrevindo o  
 cahos, o repouso completo e a morte.

Sem a esperança tudo morreria no coração, e  
 nada lhe conservaria a vida; nem uma illusão,  
 nem um sentimento o faria palpar, e por fim  
 acabaria o homem consumido pelo tedio e ani-  
 quillado pela desesperação!

Quando em uma tenebrosa noite, desencadea-  
 dos os elementos em horrivel tormenta, rugo o  
 mar, qual leão enraivecido, os rios fogem de seus  
 leitos, e o furacão, a neve e o raio, lutando com  
 feroz sanha, produzem a devastação e a morte;  
 quando afinal, pela madrugada, a tempestade  
 abonança, como é bello ver assomar pelo oriente  
 o magestoso sol, o qual com olhar de fogo impõe  
 silencio á embravecida natureza!

A' sua presença o mar se tranquillisa e emu-  
 dece, os rios voltão a seus leitos, o raio foge a  
 esconder-se entre as nuvens; acaba a tormenta e o  
 sol, orgulhoso do seu triumpho, passeia sereno  
 pelo firmamento em seu carro de ouro, e com um  
 affavel sorriso diffunde por toda parte a ani-  
 mação, a felicidade e a elegria!

Do mesmo modo, quando se extingue a luz  
 da alma, quando a paz abandona o nosso espirito,  
 quando as paixões se sublevão e lutão encarni-  
 çadas, quando a desesperação atormenta a nossa  
 existencia, então brilha de novo no fundo de  
 nosso coração a esperança, e com a magia de seu  
 poder acalmão-se as paixões, terminão os desejos,  
 e a paz e a ventura volvem sorrindo.

A esperança é a estrella pollar que nos guia  
 e fortalece no meio das tormentas que nos envol-  
 vem no procelloso mar da vida!

E' a bella fada dos infel zes; é a mãe carinhosa  
 que nos illude afim de mitigar nossas penas;  
 enchuga nossas lagrimas com a promessa de uma  
 felicidade que não existe: porém offerece-a com  
 tal graça e de um modo tão seductor, que todos a  
 acreditamos.

E' a sobeana de nosso espirito, é a formosa  
 aureola da nossa felicidade; finalmente, é a mes-  
 ma felicidade que nos abraça.

\*\*\*

## O palacio da mãe d'agua.

LENDA DO AMAZONAS

Existe n'uma collina,  
 Pelas margens do Portel,  
 Um encanto que surprende  
 O viajor no batel.  
 Se ao largo singra uma igara,  
 Se pertó voga a canoa,  
 O remador se benzendo  
 Dobra o joelho na proa.

Fundo mysterio ! . . Quem pode  
Sondar um mysterio... Quem ?  
Ao alto nem de pensal-o  
Chegar inda ousou ninguem.  
A cachoeira assombrada,  
Que acima rolando medra,  
Batendo o corpo no rio  
Se agarra de pedra em pedra !

Ha um prestigio ! De noite,  
Na correnteza fremente,  
Da montanha se desdobra  
Crespa esteira reflectente.  
E' horrendo esse lampejo  
Da phosphorica luzerna !  
Parece o rio um phantasma  
Que errando acende a lanterna.

Desse pinco incendiado,  
Ao fundo da bruma clara.  
Não vê se a chamma que alenta  
O facho que o rio aclara.  
As aves pião nos ares.  
Sobre a vaga que transluz.,  
E os patos bravos sacodem  
Das azas gottas de luz !

Diz o povo que a mãe d'agua  
La vive nessa cimeira,  
N'um palacio d'ouro fino  
A' borda da ribanceira.  
E quando o rio se veste  
Desse clarão que fascina  
E' que o paço em que ella habita  
Todo inteiro se illumina.

MELLO MORAES FILHO.

## SIMPLICIO

( De Emilio Zola )

### I

Havia antigamente — toma bem sentido, Ninon. — foi um pastor idoso quem me contou esta historia, — havia antigamente, n'uma ilha que o mar engulio ha muito tempo um rei e uma rainha que tinham um filho. O rei era um grande rei : passava por ser o primeiro copo do reino, e por ter a espada mais pesada, matava e bebia co-

mo rei. A rainha era uma bella rainha : pintava-se tanto que não parecia ter mais de quarenta annos. O filho era um idiota.

Mas um idiota de *primo cartello*, dizião os homens de espirito do reino. Com dezes annos o rei levou-o á guerra : tratava-se de exterminar certa nação visinha que tinha a insolencia de possuir um territorio. Simplicio portou-se como um verdadeiro tolo; livrou da carnificina duas duzias de mulheres, e tres duzias e meia de creanças; quasi chorava a cada espadeirada que tinha de dar; emfim a vista do campo da batalha lavado em sangue e entulhado de cadaveres, commoveu o tanto que não comeu tres dias. Era um grande tolo, Ninon, como tu mesmo estás vendo.

Aos dezeseite annos teve que assistir a uma grande festa dada pelo pai a todos os grandes garfos do reino. Ahi ainda só fez asneiras umas atraz das outras. Comeu pouco, fallou menos, e não parou absolutamente. Corria sempre o risco de ficar-lhe o copo cheio; o rei, para salvar a dignidade da familia, via-se obrigado a esyarial-o de vez em quando ás escondidas.

Aos dezoito annos, quando lhe começava a vir a barba, deu no gotto de uma dama de honor da rainha. As damas de honor são terriveis, Ninon. Esta em questão queria nem mais nem menos que fazer-se beijar pelo joven principe. A pobre creança nem n'isso pensava; tremia muito, quando ella lhe fallava, e punha-se ao fresco só por ver-lhe a fimbria das saias nos jardins. O pai, que era um bom pai, via tudo e ria-lhe na bochecha. Mas, como a dama corresse cada vez mais, e o beijo não chegava, corou de ter um filho de tal força, e deu elle mesmo o beijo tão cobiçado, sempre para salvar a dignidade da raça.

— Ah ! que imbecil ! dizia o grande rei, que tinha espirito.

### II

Aos vinte annos então, Simplicio ficou de todo idiota. Encontrou uma floresta e apaixonou-se por ella.

N'aquelles tempos do onça, ainda não se enfeitava as arvores, córtando-lhes os galhos, e ainda não era moda plantar-se relva, nem arear as alamedas. Os galhos crescião á merce da natureza; somente Deus se encarregava de moderar-lhes o desenvolvimento e de distribuir os atalhos. A floresta que Simplicio encontrou era um immenso ninho de verdura, folhas e mais folhas, estacadas impenetraveis cortadas por magestosas ave-

nidas. O musgo, ebrio de orvalho, entregava-se a um verdadeiro deboche de crescimento; as roseiras bravas, estendendo os braços flexiveis, procuravão-se nas clareiras para executar danças loucas ao redor das arvores; estas, parecendo ficar serenas e calmas, torcião-se na sombra, e elevavão tumultuosamente suas copas para serem beijadas pelos calidos raios do estio. A herba verdejante crescia ao acaso, tanto nos altos galhos como no chão; a folhagem fechava o bosque, emquanto que, com pressa de desabrochar, boninas e myositis, engrasavão-se, florescendo sobre os vetustos troncos abatidos. E todos estes galhos, todas estaservas, todas estas flores cantavão; todos se misturavão, se abraçavão, para tagarellar mais á vontade, para contar em voz baixa os mysteriosos amores das corollas. Um sopro de vida corria no fundo da matta tenebrosa, dando uma voz a cada galho de arbusto nos ineffaveis concertos da aurora e do crepusculo.

Era a festa immensa da vegetação.

As libellinhas, os escaravelhos, as borboletas, todos os bellos amantes das sebes florecidas, marcavão-se entrevistas nos quatro cantos da floresta. Tinhão ahi estabelecido sua republica; consideravão tudo seu, os trilhos, os regatos, até a propria floresta. Residião commodamente ao pé das arvores, em cima dos galhos seccos, dentro das folhas cahidas; vivião alli como em sua propria casa, tranquillamente e por direito de conquista. Como typos rasoaveis, tinhão abandonado as arvores copadas e as alturas ás toutinegras e aos rouxinoes.

Galhos, folhas, flores, insectos e passaros: tudo cantava na floresta.

### III

Simplicio tornou-se em poucos dias um velho amigo da floresta. Conversarão tanto, que ella lhe arrebatou a pouca razão que lhe restava. Quando elle a deixava para ir enclausurar-se entre quatro muros, sentar-se diante de uma mesa, deitar-se n'uma cama, ficava pensativo e triste. N'um bello dia, abandonou de repente seus aposentos, e foi residir sob a folhagem amada.

Ahi, escolheu para si um immenso palacio.

Uma vasta clareira oval, de cerca de mil toezas de superficie, servia-lhe de sala. Extensas sanefas de um verde sombrio ornavão-n'a em redor; quinhentas columnas flexiveis sustentavão, por debaixo do tecto, um véo de renda côr

d'esmeralda; o proprio tecto era um largo zimbório de setim azul furta-côr, semeado de pregos de ouro.

Para quarto de dormir, teve um delicioso gabinete, cheio de mysterio e de frescura. O chão assim como os muros se escondião detraz de macios tapetes de um lavor inimitavel. A alcova, cavada na rocha por algum gigante, com paredes de marmore côr de rosa, e o chão coberto de pó de rubis.

Tinha tambem quarto de banho, uma fonte de agua viva, uma banheira de crystal perdida n'um bouquet de flores. Não te fallarei, Ninou, das mil galerias que se crusavão no palacio, nem das salas de dança e de espectaculo, nem dos jardins. Era uma d'essas moradas reaes como só Deus sabe construir.

D'ahi em diante o principe pôde ser tolo á sua vontade. O pai julgou-o transformado em lobo, e procurou um herdeiro mais digno do throno.

J. V. S. CABRAL.

(Continúa.)

### CAPRICHOS

Bem como a criancinha  
Travessa e amalinada,  
Que prende a desgraçada  
Da róla—n'uma linha,

Lhe serve de prazer  
Contar-lhe as pulsações,  
Soltal-a e aos empuchões  
De novo a si trazer,

Depennando contente  
A pluma alvinitente  
Da ave—em sua mão;

Assim faz minha amada :  
Governa, prende azada  
Meu pobre coração.

JACOBINO FREIRE.